

A SOCIEDADE DESENCANTADA INSCRITA NA *PEDRA DE SARAMAGO*

Adriana Gonçalves da Silva
Doutorado/UFF
Orientador: Silvio Renato Jorge

La humanidad fue siempre un caleidoscopio de culturas, de diversidad, que, desgraciadamente, se va estrechando cada día. Ya no se encuentra nada nuevo. Creo que esta civilización ha terminado y vamos a entrar en una mentalidad muy distinta. No sé si mejor o peor. La que teníamos tampoco era muy buena. Hemos llegado al final de una civilización y la que viene no me gusta. Pero los que tendrían que pronunciarse, sobre todo, son los jóvenes. (SARAMAGO, 2000)

A obra do escritor português José Saramago tem sido constantemente abordada pelos críticos sob a dicotomia *histórico e universal*¹, termos muito vinculados a presença ou não de um *locus* ou uma datação nos romances. As nomenclaturas postas desta forma correm o risco de apresentarem uma visão reducionista da obra do autor se partirmos do princípio de que em cada uma dessas esferas não se anula a parcela da outra. Ignora-se, em muitos casos, que o próprio autor estabeleceu uma reflexão sobre sua obra, pela qual optamos no presente trabalho, que não se vincula estritamente a uma divisão tendo como pauta questões de marcação de tempo e espaço, confessos ou não, no enredo, mas a uma mudança de perspectiva que se coaduna a esses aspectos estruturais.

A reflexão mencionada se deu durante uma conferência em maio de 1998, na Universidade de Turim, na Itália, meses antes do prêmio Nobel lhe ser destinado. As declarações gravadas na conferência e publicadas na Itália em 1999, aparecem de forma incipiente no Brasil em entrevista dada à Revista Cult, ainda em 1998, na qual se aponta entre outras coisas, que a partir de *Ensaio sobre a cegueira* é possível perceber um outro direcionamento em seu processo criativo que passa a interessar “muito mais pela pedra de que se faz a estátua” (SARAMAGO, 1998). A distinção, portanto, estabelece um primeiro momento de seu percurso literário como o da descrição da *Estátua* para posteriormente se aprofundar na matéria de que esta é feita, a *Pedra*.

Em outras palavras, a metáfora da *Estátua* e da *Pedra* elaborada pelo autor, nos leva à compreensão de um adensamento na passagem de uma a outra abordagem, envolto sobremaneira em questões que dizem respeito à condição humana:

Quando terminei *O Evangelho* ainda não sabia que até então tinha andado a descrever estátuas. Tive de entender o novo mundo que se me apresentava ao abandonar a superfície da pedra e passar para o seu interior, e isso aconteceu com *Ensaio sobre a cegueira*. Percebi, então, que alguma coisa tinha terminado na minha vida de escritor e que algo diferente estava a começar. (SARAMAGO, 2013: 42)

Embora a distinção já circulasse no Brasil a partir da mencionada entrevista, somente em 2013 é feita a publicação oficial da conferência. Intitulada *Da Estátua à Pedra*ⁱⁱ ela contém a última revisão feita pelo autor de que temos conhecimento. Nela, Saramago determina claramente a marcação da fase da *Estátua*, que começa com *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977) e vai até o *Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), ratificando *Ensaio sobre a cegueira* (1995) como esse momento de remodelagem de sua narrativa.

O momento da *Pedra* interessa-nos ainda, como redirecionamento do discurso narrativo, que embora despreocupado aparentemente com fatos históricos demarcados, se direciona a uma inserção em um momento muito específico de nossa cultura ocidental: a contemporaneidade. Significa dizer, portanto, que a própria ausência de marcações de tempo e espaço nos romances parece traduzir esteticamente a sua preocupação com um tom universalizante, próprio de uma cultura globalizada.

Nas obras da *Pedra*, a atenuação da diferença dos tempos com os quais o escritor lida possibilita a partilha de um “sensível comum”, como diria Rancière (2009), que se torna cada vez mais evidente.

O passado, outrora convocado e reconstituído para ser visto, apreendido e interpretado à luz de um presente, dá lugar à contemporaneidade. O tempo da história dilui-se no tempo do discurso, os olhares do narrador e das personagens pertencem a uma mesma época, as vivências são coincidentes, as visões do Homem e do Mundo estão balizadas pela mesma concepção genérica da sociedade (VIEIRA, 1999: 388).

Lembremos a constatação de Fredric Jameson em *O inconsciente político* (1992), no qual estabelece a narrativa como “ato socialmente simbólico”, ou seja, o

contexto histórico e político, em que surgem essas obras, incide sobre a narrativa, que, por sua vez, o transmuta de forma emblemática. A dimensão alegórica da metáfora, atingida pelas obras aqui elegidas, permite densas reflexões sobre a sociedade em que esses indivíduos estão inseridos, ela traz questões de cariz próprio à *Pedra*. Em *As Intermittências da morte* o romance parece habitar um lugar *metafórico* onde o foco narrativo não está na morte em si, mas o que ela ou sua ausência condicionam, assim como nos *Ensaio* o foco não residia na cegueira ou no voto branco, mas em suas conseqüências.

Deste modo, todas elas parecem apontar para uma reflexão maior acerca dos rumos tomados, assegurando que “toda literatura tem que ser lida como uma meditação simbólica sobre o destino da comunidade” (JAMESON, 1992: 64). Em consonância com a assertiva de Jameson encontramos em Saramago, certa busca de compreensão do tempo presente e dos caminhos que são apontados, o que fica evidente na declaração do autor a seguir:

Que cada um dê a sua resposta, eu fiz o suficiente confrontando os valores da chamada sociedade ocidental, que nos guiavam até há pouco tempo, ou assim se alegava, com estes valores de agora, que não sei aonde nos levam. Se, como Valéry, podemos dizer que “agora sabemos que nós, civilizações somos mortais”, também podemos acrescentar que a do Iluminismo e da Enciclopédia, em que nos iniciamos no pensamento crítico, está dando lugar a outra época, cujos perfis desconhecemos, ainda que algo vamos intuindo. (SARAMAGO, 2013: 50)

Seguindo a intuição do autor em suas obras, podemos relembrar e ampliar a discussão proposta por André Bueno (2002), sobre o que ficou conhecido como uma *trilogia involuntária*, em que abarca: *Ensaio sobre a cegueira*, *Todos os nomes* e *A caverna*; ampliando essas considerações para todos os seus romances inscritos na fase da *Pedra*. Nela, argumenta que a *trilogia* “dá forma estética à crise contemporânea do capitalismo avançado através de um estilo muito elaborado...”. Para além da velha e simplória querela com o progresso, o autor admite que a identidade ocidental passa por mudanças ainda não localizáveis, mudanças ainda em curso que atingirão diversas instituições. É consenso que a alteração feita no percurso narrativo do autor para um tom mais globalizante termina por ecoar especificações próprias do contemporâneo, adentrando, por conseguinte, na matéria humana e na constatação da alteração de um *modus vivendi*.

Para pensarmos em alteração deste modelo, precisamos estipular de antemão o que significa rotular uma identidade de “sociedade ocidental moderna” tal qual a conhecemos, conforme apontada pelo romancista. O processo de surgimento dessa identidade foi amplamente estudado pelo sociólogo Max Weber a partir da ótica de que ela se constituiu por um avanço estabelecido no âmago da racionalização, chamado de *desencantamento do mundo*ⁱⁱⁱ. Para o sociólogo, as diversas esferas de ação social vão sendo paulatinamente racionalizadas, o que acaba gerando um esfacelamento de um sentido unitário para o mundo. Weber apresentou em seus estudos, até a segunda década do século XX, dois momentos para o processo em curso, com a racionalização gradual de duas esferas de ação social: a religião e a ciência. Levando em conta que este é um processo em curso, com caráter intensificador, indagamos: Estariam as sociedades configuradas nas narrativas saramaguianas da *Pedra* nos direcionando para um terceiro momento dessa racionalização? Procuraremos ainda que, de forma incipiente, avaliar três romances da referida fase: *Ensaio sobre a cegueira* (1995), *Ensaio sobre a lucidez* (2004) e *Intermitências da morte* (2005). O primeiro, por ser o marco divisor de águas em sua narrativa, aquele que inicia a referida fase mais voltada à questões relacionadas ao homem e à sociedade na atualidade; o segundo, por trazer certo *continuum* do primeiro na alegoria do branco e pela manutenção dos mesmos personagens, por fim, o terceiro, por entendermos que mantém proximidade de enredo em questões concernentes à sociedade e sua organização.

A sociedade desencantada nos romances saramaguianos

Os três romances que compõe nossos *corpora*, assim como os demais que constituem a fase da *Pedra*, abandonam o registro de certa portugalidade e de uma inserção temporal específica para se aproximarem de questões cada vez mais globais. Embora haja, de fato, este alargamento e uma tendência à generalização, não há como escapar à percepção de que as sociedades que compõem estas obras são, sobretudo, modernas. Isto pode ser perceptível na menção a elevadores, outdoors e semáforos em *Ensaio sobre a cegueira*, na utilização de telefones móveis e na organização do voto direto que inicia a narrativa de *Ensaio sobre a Lucidez*, ou pela presença de automóveis, e aparatos midiáticos como o estúdio de televisão, de *As Intermitências da morte*, apenas para ficarmos nas primeiras páginas dos romances. Ícones de modernidade

legitimados pelo próprio autor *a posteriori* como tais, quando o narrador de *Caim*, ao se deparar com um universo oposto do vislumbrado nas obras em questão, menciona:

Em verdade, ter chamado a isto uma cidade foi um exagero. [...] Qualquer cidade que se preze desse nome nunca se reconhecerá na cena primitiva que temos diante dos olhos, faltam aqui os automóveis e os autocarros, os sinais de tráfego, os semáforos, as passagens subterrâneas, os anúncios nas frontarias ou nos telhados das casas, numa palavra, a modernidade, a vida moderna. (SARAMAGO, 2009: 47)

Ocorre que a existência ou a ausência destes sinais está muito relacionada a certo modelo ocidental hegemônico que conhecemos como “civilização”. Para Nobeit Elias (1994: 23), o conceito de civilização,

resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas "mais primitivas". Com essa palavra, a sociedade ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de *sua* tecnologia, a natureza de *suas* maneiras, o desenvolvimento de *sua* cultura científica ou visão do mundo, e muito mais.

O termo, portanto, relaciona-se à certa criação de identidade ocidental gerada a partir do processo de racionalização pelo qual passaram essas culturas, em outras palavras, está intrinsecamente vinculado ao *desencantamento do mundo*. As sociedades “primitivas”, neste contexto, estariam atreladas ao grau em que uma sociedade não se desvencilhou de tabus, mitos e crenças, ou seja, de toda ação mágica e imanente^{iv}. Em contrapartida, nas sociedades modernas, “o programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber” (ADORNO; HOKHEIMER, 1985: 19), mencionam os teóricos de Frankfurt.

As sociedades que compõem os três romances saramaguianos, aqui analisados, apresentam bases desta identidade ocidental desencantada, pois não trazem registro do animismo que regia as sociedades anteriores. Seja na epidemia de uma cegueira branca e insólita, na utilização expressiva do voto em branco por uma população ou no período de recessão da morte - núcleos dos enredos de *Ensaio sobre a cegueira*, *Ensaio sobre a Lucidez* e *Intermitências da morte*, respectivamente - esses fenômenos não são atribuídos a uma fúria nos panteões ou à alguma motivação mística, pelo contrário a

busca de compreensão está sempre relacionada a algum sentido que possa ser satisfatoriamente explicável, conforme veremos a seguir. Portanto, a forma de se lidar com eles é sempre racionalizada. É perceptível que em todos os três romances a dimensão institucionalizada do sagrado está presente, a Igreja, o que atesta o cumprimento do primeiro ciclo de *desencantamento* que se referia justamente a doutrinação da relação com o divino, ou seja, a passagem da magia à religião (*desmagificação*).

Claro que, a despeito de toda racionalização da fé, sobrevive nessas sociedades sempre alguma parcela de superstição, mas esta é incapaz de credibilidade para geri-las, já que vacila à luz de qualquer explicação racional ou dogmática dada. O autor se dirige sempre ironicamente a essa possibilidade, como podemos perceber em episódios como: as imagens vendadas na Igreja em *Ensaio sobre a cegueira*, ou o presságio da bomba na estação, pelo presidente da câmara em *Ensaio sobre a lucidez* e a consulta de um programa televisivo aos paranormais para exporem algo a respeito d'*As Intermittências da morte*.

Em *As Intermittências da Morte*, por exemplo, em nenhum momento a voz do narrador nos traz o que foi dito por aqueles paranormais no programa televisivo, isto porque o que interessa não é a explicação dada por estes setores, mas apenas pela ciência. Isto ocorre, pois a sociedade se encontra automatizada pelo esclarecimento do Iluminismo, portanto estamos diante de uma sociedade que vivenciou o segundo momento do *desencantamento do mundo*, que é a suplantação do sentido religioso do mundo pelo sentido *científico*.

Embora os momentos narrados estejam sempre acompanhados de contrapontos que apresentam a sobreposição da razão ao mundo supersticioso, via de acesso sempre preferida pelos personagens em seu enredo, as explicações almejadas não são encontradas, o que nos leva a constatação da fragilidade da ciência. *A dialética do Esclarecimento* traz justamente este ponto, a utopia científica capaz de explicar os fenômenos do mundo e libertar o indivíduo do animismo, frente à uma posterior constatação de uma ciência que também é falha nesta explicação. Em *Ensaio sobre a Lucidez* a debilidade fica evidente quando ao especularem sobre a proximidade da cegueira branca de quatro anos antes e o voto branco de agora, diz-se que “para o primeiro não se encontrou até hoje uma explicação, e para este também não a temos” (2004: 87).

As sociedades dos romances saramaguianos apresentam traços de terem vivenciado esses dois momentos da racionalização ocidental apontados por Max Weber, mas claro está que a eles não se detém, sobretudo por estar presente a constatação da falência da ciência como passível de explicar a tudo, retomando o autor, a época do Iluminismo “está dando lugar a outra época, cujos perfis desconhecemos” (SARAMAGO, 2013: 50). Esses passos adiante no processo de *desencantamento do mundo*, atestam o caráter agressivo e intensificador do conceito, que fora afirmado pelo sociólogo.

Como o *Anjo da História*, de Walter Benjamin, essas sociedades são impelidas pela tempestade do progresso a dar um salto à frente, “à medida que avança o desencantamento do mundo” (PIERUCCI, 2003: 185), sem que tenham tempo suficiente de poder ajeitar os escombros que estão ante seus olhos, não há voluntariedade no movimento.

Percorrendo as sendas da intuição Saramaguiana

No encalço de buscarmos compreender a afirmativa de Saramago sobre estarmos trilhando uma nova época da sociedade ocidental, partimos de antemão do pressuposto de que essas sociedades não são anteriores ao século XX. O século XX, chamado pelo historiador Eric Hobsbawn de *A era dos extremos*, é lembrado por suas grandes guerras, mas é também palco importante de transformações na estrutura político-econômica mundial, sobretudo com a expansão desta para um modelo global.

Neste século, após a Segunda Guerra Mundial, importantes organizações internacionais, como a ONU, são criadas. Nos romances, a dimensão global está sempre presente, em alguns momentos até mesmo de forma textual, seja metaforizada “A mulher do médico disse ao marido, O mundo está todo aqui dentro” (SARAMAGO, 1995: 102) ou pela menção a essas instituições:

há que contar também com as pressões internacionais, aposto que a esta hora os governos e os partidos em todo o mundo não pensam noutra coisa, eles não são estúpidos, percebem muito bem que isto pode tornar-se num rastilho de pólvora, pega-se fogo aqui e vai rebentar lá adiante, de todo o modo, já que para eles somos merda, então vamos sê-lo até ao fim, ombro com ombro, e desta merda que somos algo os salpicará a eles. (SARAMAGO, 2004: 102)

Pedi um jornal, as notícias da primeira página eram todas internacionais, de interesse local nada, salvo uma declaração do ministro dos negócios estrangeiros comunicando que o governo se preparava para consultar diversos organismos internacionais sobre a anômala situação da antiga capital, principiando pela organização das nações unidas e terminando no tribunal da haia, com passagem pela união europeia, pela organização de cooperação e desenvolvimento económico, pela organização dos países exportadores de petróleo, pelo tratado do atlântico norte, pelo banco mundial, pelo fundo monetário internacional, pela organização mundial do comércio, pela organização mundial da energia atômica, pela organização mundial do trabalho, pela organização meteorológica mundial e por alguns organismos mais, secundários ou ainda em fase de estudo, portanto não mencionados. (*Ibidem*: 260)

pelo sim, pelo não, já se haviam iniciado contactos exploratórios com os organismos internacionais competentes em ordem a habilitar o governo a uma acção que seria tanto mais eficaz quanto mais concertada pudesse ser. (SARAMAGO, 2005: 17)

O processo de Globalização acarreta certo enfraquecimento das forças locais, pois “grande parte do poder de agir efetivamente, antes disponível ao Estado moderno, agora se afasta na direção de um espaço global” (BAUMAN, 2007: 8). O Estado centralizador, preconizado por Weber em *Economia e Sociedade*, começa a perder seu monopólio ao dividir forças com outros setores, sobretudo os vinculados à esfera econômica. A cisão ocorrida entre Estado e Poder deslegitima sua função tutelar, gerando insegurança nos indivíduos.

A terceirização do poder aparece claramente nos romances, no momento em que aqueles que oprimem não respondem pelas reivindicações, não são eles os responsáveis e o indivíduo não localiza a face da força impositora “não há nada a fazer, eles nem têm culpa, estão cheios de medo e obedecem a ordens” (SARAMAGO, 1995: 69).

Saramago no Fórum Social Mundial, em 2005, alertava para o fato de que os organismos que verdadeiramente regem o mundo, não são eleitos democraticamente: “as grandes decisões são tomadas em uma outra grande esfera e todos sabemos qual é. As grandes organizações financeiras internacionais, os FMIs, a Organização Mundial do Comércio, os bancos mundiais. Nenhum desses organismos é democrático.” (SARAMAGO, 2010). Para citar *Ensaio sobre a lucidez* digamos que, “numa situação como esta, um governo não governa, só parecerá governar” (SARAMAGO, 2004: 107).

Ao longo das narrativas, quando deparado com aquele fator que surge como desestabilizador dessas sociedades, o Estado parece titubear. As soluções encontradas

passam por medidas pouco ou nada democráticas. A instauração da quarentena, o abandono da cidade pelos governantes e o decreto de entrega dos moribundos aos seus familiares, são exemplos do esmorecimento da força estatal.

Nos *Ensaio*s medidas provisórias assumem estatuto de lei e são tomadas como práticas legitimadas, embora não possuam legalidade jurídica: “o estado de exceção apresenta-se como a forma legal daquilo que não pode ter forma legal” (AGAMBEN, 2004: 12). Em *As Intermittências da morte* a fragilidade do Estado é percebida quando este divide forças com a *máphia* que visando o capital, passa a lucrar com a possibilidade de morte para além-fronteira.

Mediante o brevemente exposto, seria possível afirmar, que as sociedades dos romances, ensaiam um terceiro estágio do *desencantamento do mundo* pela via de sentido e controle do mundo transferido para as relações políticas, com a crescente racionalização dos espaços globais e suas possibilidades? Teria este *desencantamento político do mundo*, assim como o científico, apresentado no contraponto de sua faceta dialética um total descrédito no poder público? Sem dúvida, há nessas sociedades apresentadas pelos romances, certa mudança de paradigma em relação ao Estado moderno que até pouco tempo nos tutelava. Se esta mudança será capaz de configurar ou não um novo momento, torna-se necessário buscar subsídios para responder. Lembrando Saramago em *Memorial do convento*, apenas afirmamos que “Tudo no mundo está dando respostas, o que demora é o tempo das perguntas” (SARAMAGO, 2013: 329).

Referências

ADORNO, Theodor; e HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1985.

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In _____. *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994: 222-232.

BUENO, André. Formas da crise: relatos da condição humana no capitalismo avançado. *Terceira Margem: Revista do programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura*. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Pós-Graduação, ANO VI, no 7, 2002: 7-20.

CERDEIRA, Teresa Cristina. De cegos e visionários: uma alegoria finissecular na obra de José Saramago. In _____. *O avesso do bordado*. Lisboa: Editorial Caminho, 2000: 253-260.

ELIAS, Nobert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Trad. Ruy Jungman. v.1, 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

HOBBSBAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAMESON, Fredric. *Marxismo e forma: teorias dialéticas da literatura do século XX*. Trad. Iumna M. Simon; Ismail Xavier; Fernando Oliboni. São Paulo: HUCITEC, 1985.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org., Ed. 34, 2009.

REIS, Carlos. *História crítica da Literatura Portuguesa (Do Neo-Realismo ao Post-Modernismo)*. Vol. IX. Lisboa: Verbo, 2006: 287-311.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARAMAGO, José. *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Da estátua à pedra e discursos de estocolmo*. Belém: Edufpa; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013.

_____. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Ensaio sobre a lucidez*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. José Saramago: Hemos llegado al fin de una civilización. *El País*. Lisboa, 19 nov 2000. Entrevista concedida a Javier García.

_____. José Saramago: O despertar da palavra. *Cult. Revista Brasileira de Literatura*. Ano II n 17, dez. 1998: 16-24. Entrevista concedida a Horácio Costa.

_____. *Memorial do convento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Por utopias mais próximas. *Revista Espaço Acadêmico* [on-line], nº 69, fev. 2007. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/069/69saramago.htm>. Acessado em 09/10/2010.

VIEIRA, Agripina Carriço. Da história ao indivíduo ou da exceção ao banal na escrita de Saramago: Do *Evangelho Segundo Jesus Cristo* a *Todos os Nomes*. *Colóquio/Letras*, nº 151/152: 379-393, Janeiro/Junho, 1999.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tomás J, MK Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1996.

_____. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1991.

Notas

ⁱ Dentre os que estabelecem a dicotomia *histórico* e *universal* podemos citar Carlos Reis, segundo o qual, no primeiro caso, “o destino das personagens é, então, indissociável do devir de uma História que a ficção repensa, tanto em função do passado propriamente histórico, como até em função do futuro”, e no último “Saramago cultiva opções temáticas e de escrita de certa forma condicionadas pela dimensão internacional que sua obra atingiu, o que conduz ao abandono [...] do imaginário cultural português” (REIS, 2006: 308); e Cerdeira que propõe a primeira fase como aquela “grande fase narrativa, delimitada por certas propostas ideológicas, como a da revisitação da História” e a segunda como momento de atenuação desses elementos (CERDEIRA, 1999: 251).

ⁱⁱ Pilar inicia a edição brasileira explicando que esta é a única que manteve a grafia do título corrigida por Saramago, que por descuido, se perdeu nas edições anteriores. Portanto, na edição italiana e espanhola o título ainda consta como: A estátua e a pedra, o que não traz comunicabilidade entre as partes, conforme preferia o autor.

ⁱⁱⁱ Primeira menção feita ao conceito foi em *Sobre algumas categorias da sociologia compreensiva*, de 1913. Cf. PIERUCCI, 2005: 186-188.

^{iv} Primitiva, portanto, nesta concepção, não se refere apenas a uma civilização perdida em um longínquo tempo histórico, mas também às orientais que em pleno século XX resistem ou pouco foram afetadas por esse processo cultural. A China e a Índia, por exemplo, eram cunhadas pela visão exógena de Weber como verdadeiros “jardins encantados”. Na visão de Said este olhar gera um certo orientalismo, que é a concepção de Oriente criada pelos ocidentais, “O Oriente era praticamente uma invenção europeia e fora desde a Antiguidade um lugar de episódios romanescos, seres exóticos, lembranças e paisagens encantadas, experiências extraordinárias”. Cf. SAID, 2007: 27.